



**DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: ARTE, EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA  
ESTÉTICA**

**DECONSTRUCTING STEREOTYPES: ART, EDUCATION AND EXPERIENCE  
AESTHETIC**

MIZIESCKI Mikael<sup>1</sup>  
FELDHAUS Marcelo<sup>2</sup>

**Resumo**

O objetivo geral desta pesquisa é refletir possibilidades no ensino da arte, desconstruindo os estereótipos na sala de aula e na escola. Conceitua-se os estereótipos e o uso deles, a disciplina de Artes e a escola, com autores e com documentos norteadores. A problemática desta pesquisa se compõe da seguinte forma: quais são as possibilidades de desconstrução dos estereótipos na sala de aula e na escola? Visto que tais possibilidades sofrem influências diretas com relação à formação de professores de Artes e Pedagogos e a experiência estética. A partir disso, coletou-se dados através de entrevistas com catorze professoras (nove de Artes e cinco Pedagogas) da região da AMESC (Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense), com relação à força e o uso dos estereótipos na sala de aula e na escola. Analisou-se os dados à luz do referencial teórico, e da polêmica relação entre arte educadores e pedagogos, percebendo-se carências associadas à formação continuada (professor pesquisador), ampliação de repertório artístico-cultural, a valorização da disciplina de Artes, e a experiência estética, além de que os estereótipos ainda estão alicerçados no âmbito escolar. Portanto, percebe-se que essa desconstrução é um processo lento, mas que em contrapartida, necessita de urgência. Os estereótipos surgem de inúmeras maneiras, e através das experiências nas aulas de Artes sobre arte, é um dos caminhos mais curtos para que esse quadro se ressignifique.

**Palavras-chave:** Estereótipos. Ensino da Arte. Experiência Estética.

**Abstract**

The main objective of this research is to think about possibilities in art education, by deconstructing stereotypes in the classroom and school. Thus we conceptualize the stereotypes and their use, as well as the discipline of Arts and the school, with authors and with guiding documents. The problem of this research is composed as follows: what are the possibilities of deconstruction of stereotypes in the classroom and at school? This question is related to the fact that these possibilities have direct influences in what concerns to aesthetic

<sup>1</sup> Licenciado em Artes Visuais (UNESC) e pós-graduando em Teoria e História da Arte pela mesma instituição. E-mail: miziescki@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Educação (UNESC) e professor-coordenador do curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado –, da Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: profmarcelo@unesc.net.

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



experience and to the training of Arts teachers and pedagogues. From this, data was collected in interviews with fourteen teachers (nine Arts teachers and five pedagogues) of AMESC region (Association of Municipalities of the Extreme South of Santa Catarina ). These interviews were related to the strength and the use of stereotypes in the classroom and in school. We analyzed the data in the light of theoretical and controversial relationship between art educators and pedagogues. This way, we perceived deficiencies associated with: research professor continuing education, expansion of artistic and cultural background, appreciation of the discipline Arts and the experience aesthetics, besides, that stereotypes are still grounded in the school. Therefore, it is clear that deconstruction is a slow process, but it requires urgency. The stereotypes arise in countless ways and it is through the experiences in the teaching of Arts that one can find the shortest path to reframing them.

**Keywords:** Stereotypes. Art Education. Aesthetic Experience.

## INTRODUÇÃO

Desde criança, muito se espera da disciplina de Artes, não somente pela linguagem do desenho, mas sim pelas cênicas, pela pintura com tinta, e pela possibilidade de vivenciar experiências artísticas e estéticas. Tal preferência geralmente é influenciada pelas diferentes linguagens artísticas presentes nas mídias e em outros veículos, que neste caso, influenciou o autor desta pesquisa nos diferentes segmentos da Educação Básica. A presença dos modelos propostos em algumas disciplinas e por professores tolhendo a liberdade de criação e/ou aniquilando o processo criativo dos alunos, intrigou-o enquanto estudante desde muito tempo.

A influência do “certinho” e do “bonitinho”, estiveram/estão alicerçados no âmbito escolar, por inúmeros motivos que serão transcorridos ao longo deste artigo. O pesquisador também percebeu a presença do que chamamos de estereótipos, nas experiências enquanto acadêmico, nas disciplinas de estágio obrigatório do Curso de Artes Visuais (Licenciatura) da UNESC – em algumas realidades escolares, nos níveis da Educação Infantil, Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e Ensino Médio. Desde as primeiras observações até o desenvolvimento dos projetos enquanto estagiário, os estereótipos inquietaram-no, por sua força e pela forma como estão impregnados nas escolas. Foi neste aspecto que surgiu a problemática para esta pesquisa: quais são as possibilidades de desconstrução dos estereótipos na sala de aula e na escola?



É nesta perspectiva que se percebe que, em certos casos, o professor pode ser o responsável pelo uso destas estereotípias, como propõe Célia Maria de Castro Almeida (2001), que chama de ensino modelar, os métodos enraizados nos modelos e nas releituras enquanto cópias, além das decorações nas salas com personagens de desenhos animados. “Na prática modelar, o professor oferece o modelo não como uma das possibilidades, mas como a única possível” (ALMEIDA, 2001, p.26), ou seja, fomenta a ideia das produções iguais, e do conceito errôneo de que arte e artesanato são similares.

A intenção deste artigo é de apresentar novas possibilidades do processo de desconstrução dos estereótipos, que por tamanha complexidade, não é algo que pode ser mudado instantaneamente, mas sim aos poucos, por meio da ação dos professores, por exemplo. A pesquisa traz os conceitos de estereótipo, arte e escola, com preposições psicossociais, educacionais e artístico-culturais de autores e documentos norteadores. Elenca também os contextos complexos que relacionam à formação do professor de Artes e do Pedagogo, com a importância da experiência estética a partir das linguagens da Arte. Através disso, foram coletados dados em entrevistas com pedagogas e professoras de Artes à luz do referencial teórico, considerando as similaridades, as particularidades e as divergências das respostas, relacionadas à metodologia, o uso dos estereótipos no âmbito escolar e demais propostas.

Considera-se a desconstrução como um processo árduo e de complexo desenvolvimento, se atendo à organização escolar, ao diálogo, à interdisciplinaridade e a valorização da disciplina de Artes. Estas e outras inúmeras inquietações estão presentes no decorrer da escrita deste artigo.

## **METODOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE O CAMINHO ESCOLHIDO PARA O OBJETO DE ESTUDO**

O alicerce de uma pesquisa sobre arte no âmbito educacional é o estudo de conceitos, ideias, decretos, propostas, análises e suposições, de autores, artistas, estudiosos, documentos norteadores e leis afins, que são usados de maneira válida

Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº1, julho/novembro 2016.– PPGE – UNESC

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



na estruturação de um saber artístico. Segundo Maria Isabel Leite (2008, p.30), a “pesquisa sobre arte é aquela que é feita por pesquisadores, tendo como produto final um texto, e que se assemelha muito, metodologicamente, a outras pesquisas na área de ciências humanas e sociais”. A presente pesquisa é de natureza básica, pois “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.34), possibilitando envolver conhecimentos através do que rodeia os estereótipos na educação.

O trabalho propõe as seguintes questões norteadoras: o que são estereótipos?; para quê e como desconstruí-los?; qual é a função do professor de Artes na escola?; até que ponto a influência dos estereótipos atrapalham as aulas de Artes?; quem faz o uso deles?; em que local deve ser evitado?; e como substituí-los? Tendo em vista estes aspectos, o objetivo geral da pesquisa é refletir possibilidades no ensino da arte, desconstruindo os estereótipos na sala de aula e na escola.

Este trabalho envolve também uma coleta de dados, pautada em uma entrevista semiestruturada com perguntas relacionadas à temática e as questões norteadoras desta pesquisa, onde as respostas foram transcritas na íntegra pelo pesquisador. As entrevistas foram feitas com catorze professoras de escolas públicas (das redes estadual e municipal) de algumas cidades da região da AMESC, tendo como foco a metodologia, os conteúdos e a forma de abordagem dos estereótipos na escola. É importante ressaltar, que em algumas cidades da AMESC os pedagogos assumem o papel de professores de Artes e/ou suprem a falta de um profissional habilitado na área, em específico na educação infantil, conforme prevê a legislação vigente, e por esse motivo, as minhas entrevistadas foram professoras de Artes e pedagogas.

Concebidos os propósitos, estes caracterizados e integrados às pesquisas de cunho exploratório<sup>3</sup>, descritivo<sup>4</sup> e explicativo<sup>5</sup>, percebeu-se que foram fundamentais para o

---

<sup>3</sup> A pesquisa exploratória proporciona “(...) maior familiaridade com o problema, com vista em torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41), aprimorando “(...) ideias ou a descoberta de intuições” (Idem, p.41), sendo tolerante ao surgimento de novas possibilidades.

<sup>4</sup> A pesquisa descritiva, possui o objetivo de descrever as “(...) características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42), por este modo, analisou-se o determinado grupo de professores.



desenvolvimento desta pesquisa através das minhas inquietações. Trata-se também de uma pesquisa qualitativa, onde “(...) não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com aprofundamento de compreensão de um grupo social, de uma organização, e etc” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.31). Quanto aos procedimentos técnicos, destaca-se a pesquisa bibliográfica enquanto “o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral” (MORESI, 2003, p.10), além do estudo de campo.

### **O ESTEREÓTIPO, A ESCOLA E A ARTE**

Os estereótipos estão presentes na sociedade desde muito tempo e vem sendo compreendidos de inúmeras formas, através de fatores distintos ou não. Marcos Emanuel Pereira (2002), doutor na área de Psicologia Social, afirma que “o processo de estereotipização é estritamente individual, enquanto que os estereótipos podem ser considerados como produtos compartilhados amplamente no interior de um grupo social” (p.50). Os estereótipos podem ser considerados como generalizações originadas de um coletivo e de forma individual, que são apontadas como características comportamentais (cultura, aparência, gênero, classe econômica, e entre outros), de outras pessoas dentro de um círculo social. Tais perspectivas podem ser compreendidas também enquanto rotulação seja de cunho pejorativo, ou não, como algo prejudicado. Tais representações possuem caráter dogmático em determinadas circunstâncias, que ocasionam um processo lento de desconstrução.

Ao surgir algo que é incomum aos olhos de um grupo social, tal particularidade terá maior vulnerabilidade perante o que é ditado como algo habitual por este. Para Espindola (2010, p.32), “os estereótipos são a configuração que o costume natural do mundo social tem de lidar com o aparecimento do diferente”. Desta forma, buscar uma única definição para o conceito de estereótipo é dificultoso justamente por ser

---

<sup>5</sup> A pesquisa explicativa remete-se à identificação e a contextualização de determinados princípios abordados no projeto, e que, conforme Gil, “é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (2002, p.42).

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



muito amplo, e de certo modo, chega até ser incompatível na ótica de diferentes autores.

Determinados estereótipos são consequências de veículos midiáticos (televisão, internet, jornais, revistas, filmes, entre outros), o que os tornam popularmente fortes por chegarem de forma até manipuladora em cada residência. Os padrões (beleza, moda, comportamento e etc.), são ditados nas telenovelas, nos seriados e filmes hollywoodianos (que incluem animações), e entre outros, frutos muitas vezes, de uma concorrência de ideias capitalistas que a cada dia buscam abranger um maior número de pessoas, para torná-las consumidoras de seus produtos (BOLAÑO, GOLIN e BRITTOS, 2010). Estes meios de comunicação, durante excessivas vezes, nos impõem uma postura alienada de inúmeros modos, dispendo de uma tentativa de convencimento do que julgam necessário para seus interesses.

Os estereótipos fazem parte da realidade de muitas escolas, de forma enraizada, não somente nas paredes das salas de aula, mas de forma alicerçada na cabeça das pessoas (pais, professores, direção e sociedade em geral). Silvia e Tatit (2003) apontam que os estereótipos são e/ou estão presentes nas datas comemorativas, na pedagogia, na decoração, bem como nos “adereços para a festa da primavera, junina, dia das mães, do índio, páscoa e por aí afora” (p.23). A decoração em eventos ou até mesmo dentro e fora da sala de aula, que se mantém através de cópias de bonecos de EVA (Etil Vinil Acetato) da internet, é outra prática muito comum feita por professores de diversos lugares.

Podemos também simplesmente olhar um molde e copiá-lo, bem como podemos conseguir uma cópia perfeita, ampliada ou reduzida, na fotocopadora. Por serem basicamente os mesmos, os estereótipos de tão reproduzidos, multiplicados e utilizados, se tornaram largamente difundidos e aceitos, constituindo-se já em uma espécie de estereótipos mentais, isto é, os clichês estão armazenados nas gavetas de nosso cérebro e basta querermos para que nossas mãos consigam, sem muito esforço, representá-los (VIANA, 2006, p.3, apud PEREIRA, 2008, p. 40).

Outra ação, ainda habitual, é a confecção das lembrancinhas padronizadas, muitas vezes através de moldes, com caráter artesanal, feitas com ou sem alunos. Pereira (2014) cita que muitas vezes os professores pressionam os alunos em produções com visão estereotipada, comentando “[...] não tem céu? Não tem chão? Ele está Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº1, julho/novembro 2016.– PPGE – UNESC

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



voando? Volte e complete seu desenho!” (p.75), censurando o educando e não propondo experimentações de modo inovador. Cunha (2002) afirma que muitas vezes os adultos/professores esquecem de valorizar a ousadia, a imaginação, e a criação de seus filhos/alunos, interrompendo de forma precoce, o processo gráfico-plástico na infância:

[...] foram fixadas formas padronizadas como a casinha, a árvore com maçãs, as nuvens azuis, o sol, as flores, a figura humana de palito, organizando-se um repertório reduzido de formas que chamamos de estereótipos. Por sua vez, estas fo(ô)rmas são repassadas às crianças de várias maneiras como nas decorações das salas de aula, ou quando as crianças pedem que o adulto desenhe algo, ou quando o educador faz correções nas produções infantis do tipo: *Fulano, não vês que a árvore é verde? Onde está o corpo desta pessoa? Estou vendo que os braços e pernas saem da cabeça...* Assim, as crianças, desde muito cedo, incorporam os estereótipos e deixam de construir sua própria linguagem, passando a reproduzir e consumir imagens estereotipadas e impostas pelos adultos. (p.9-10)

Com relação aos cenários de diferentes unidades de ensino, Cunha (2014) ainda afirma que umas das questões que mapeiam algumas metodologias, é o fato de chegar ao momento de não valorizar os espaços para as identidades dos alunos, por meio de suas produções. Os ambientes de destaque recebem as decorações, “e em lugares menos nobres as produções gráfico-plásticas infantis” (p.209). Alguns locais que geralmente são usados para exposição caem no modismo e muitas vezes não expõem aquilo que fora criado pelos alunos, como no caso dos varais, que “são colocados e utilizados nas salas de aula para pendurar figuras com imagens estereotipadas [...] e pintadas pelos alunos” (FERREIRA e SILVA, 1999, p. 146). Estas estereotípias “[...] não são artísticas, ou seja,” são “[...] imagens extremamente simplificadas, feitas com o objetivo de serem facilmente reproduzidas através de uma matriz” (Idem, p.146), sendo que isso “[...] reduz a possibilidade de a criança desenhar de outro modo” (Idem, p.146).

A disciplina de Artes também acompanhou este processo complexo de estereotipização - até aqui apontado -, ao longo da história da educação básica nacional, influenciando por inúmeros aspectos: a carência de professores habilitados (educadores de outras áreas assumindo a função na escola), a pedagogização das

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



Artes, a falta de conhecimentos artísticos relacionados à expressão do aluno, as tendências pedagógicas tradicionais<sup>6</sup> e tecnicistas<sup>7</sup>, a falta de atualização dos professores (educador pesquisador), entre outros. Atualmente, “o que deve ser evitado – e é o que mais ocorre dentro das escolas – é pôr as artes visuais a serviço de outras áreas” (SILVIA e TATIT, 2002, p.23), como ocorrera há muitos anos.

O estereótipo torna-se alternativa facilmente adotada na expressão plástica por se apresentar como forma segura de representação, um modo de não arriscar, de não se expor. Essa busca de garantia de aprovação resulta em trabalhos mecânicos, acomodados, sem desafios. (BUORO, 2003, p.36)

Leite e Batista (2011) afirmam que “a teoria da ameaça dos estereótipos postula que um indivíduo” sofre uma “[...] imediata e considerável redução de desempenho” (p.116), visto que o professor que utiliza os estereótipos em suas aulas, despreza a capacidade de seus alunos e desvaloriza a disciplina enquanto conhecimento. Célia Maria de Castro Almeida chama o ensino enraizado nos estereótipos e modelos, de prática modelar, sendo que o educador não considera oferecer possibilidades para produções, mas sim, apenas uma, conforme escolheu e determinou, alimentando a ideia de colocar os educandos em um molde/fôrma imaginário. “O ensino modelar também se observa em atividades que enfatizam a técnica pela técnica” (ALMEIDA, 2001, p.27), ou seja, metodologias sem contextualização relevante, aplicação de exercícios de forma tecnicista, e, por exemplo, desenhos impressos para colorir, releitura enquanto cópia, e/ou a valorização do bonitinho.

Nas aulas de artes visuais, o ensino modelar ocorre com frequência, às vezes camuflado com uma nova roupagem, a chamada “releitura”, atividade que pode ser observada desde a educação infantil até o ensino médio. “Travestida” de prática avançada, os trabalhos de releituras dos alunos passaram a decorar as paredes de nossas escolas, substituindo os antigos Patos Donalds, Mônicas e Cebolinhas de décadas atrás. Agora, podemos

---

<sup>6</sup> Na tendência pedagógica tradicional, “[...] a proposta de educação era absolutamente centrada no professor, figura incontestável, único detentor do saber que deveria ser repassado para os alunos” (QUEIROZ e MOITA, 2007, p.3), pautadas na repetição, na memorização, e no aluno enquanto receptor passivo.

<sup>7</sup> A tendência Tecnicista iniciou-se em meados de 1960, com grande influência da ditadura militar, visto que se constituía na qualificação de mão de obra para atender as demandas do mercado de trabalho, “[...] direcionadas por atividades repetitivas, sem reflexão e absolutamente programadas, com riqueza de detalhes” (QUEIROZ e MOITA, 2007, p. 8). Valoriza-se a cópia, o reproduzir de maneira fiel ao solicitado e a indução das exatas.



apreciar pendurados nos varais de barbante, 40 Abaporus. (ALMEIDA, 2001, p.26-27)

É importante ressaltar que a cópia, que é citada inúmeras vezes nesta pesquisa, vem no sentido de imitação, de técnica pela técnica, sem reflexão, contextos ou debates críticos, de formas inalteradas e/ou padronizadas. Ferraz e Fusari consideram que “a arte, assim como as demais áreas de conhecimento na escola, é importante para a nossa formação individual e a consciência de nossa cidadania” (2009, p.25), bem como justifica a sua obrigatoriedade como componente curricular através da *LDB*<sup>8</sup> de 1996, em seu artigo 26, parágrafo segundo:

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica nacional, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (BRASIL, LDB (9.394/96), 2010, p.19)

O desenvolvimento cultural dos alunos, conforme estabelecido por lei, precisa de planejamento de qualidade e de professores que desconstruam algumas formas errôneas de ensinar e aprender arte, como a utilização destes estereótipos no âmbito escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**

Através das inquietações até aqui citadas, foram entrevistadas catorze professoras – nove professoras de Artes e cinco Pedagogas -, das redes estaduais e municipais de nove municípios da região da AMESC: Araranguá, Meleiro, Morro Grande, Timbé do Sul, Ermo, Turvo, Santa Rosa do Sul, Balneário Arroio do Silva, e Balneário Gaivota. Foram perguntas relacionadas à metodologia, conteúdos, a forma de abordagem dos estereótipos na escola, a frequência destas atividades e como são estas proposições, quais os objetivos, e as possibilidades de desconstrução das estereotípias. Primeiramente, justifica-se que para preservar a identidade das

---

<sup>8</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI 9.394 de 20 de Dezembro de 1996).  
Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº1, julho/novembro 2016.– PPGE – UNESC



entrevistadas utilizou-se os codinomes PA – Professora de Artes – e PP – Professora Pedagoga -, além de um numeral, que corresponde a ordem de entrevistas. Tal opção ocorreu após grande parte dessas educadoras colocarem na autorização a opção “anonimato”.

Ao ser questionada sobre o reconhecimento da disciplina de Artes na educação básica, PA5 cita que: *“Poucos reconhecem! Por exemplo, uma pedagoga me trouxe um modelo de um papa pilha da internet para que eu fizesse com a turma dela, eu não queria... mas sofri pressão da direção e da própria professora para fazer bonito na feira. Tive que fazer, e eles não aprenderam nada em Artes! Não teve conhecimento artístico, mas sim artesanato. É aquela questão, se você não ajudar, elas ficam com cara feia, alegando que a gente não quer colaborar com a escola... não quer colaborar com elas... acabo fazendo com bastante raiva”*. Para PA6: *“Sim, a disciplina fica em prol de outras. Justamente por que eles acham que Artes é decoração... é lembrancinha... alguns não sabem a função da Arte. Não são todos os pedagogos, mas a direção também pede. A direção pede por exemplo da páscoa, para dar lembrancinhas para as crianças... mais para o primário por que eles são pequenos”*.

Em alguns lugares o Pedagogo assume o papel de professor de Artes na Educação Infantil e também nos Anos Iniciais, conforme a resolução número 07<sup>9</sup> do Conselho Nacional de Educação, aprovada em Dezembro de 2010, no Artigo 31, dispõe:

Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes. (p. 9)

Desta forma, o professor pedagogo tem uma grande influência no ensino da arte, e principalmente na construção, desconstrução e reconstrução dos estereótipos na sala de aula – tal como o professor de Artes. Nessas falas, percebeu-se a polêmica

---

<sup>9</sup> Resolução CEB Nº 07 aprovada pelo Conselho Nacional de Educação em Dezembro de 2010, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. (Diário oficial da União, Brasília, 15 de Dezembro de 2010 – Seção 1) Disponível em [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf) Acesso em: 20 de Setembro de 2015.

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



relação entre arte e pedagogia, que pode ter influência na formação, na atualização, no comodismo, entre outros. Através disso, apresenta-se inúmeras vezes, tanto no Plano Nacional de Educação<sup>10</sup>, quanto nas Diretrizes Curriculares Nacionais, a frase “a formação inicial e continuada do professor”, podendo ser interpretada da seguinte forma: o educador não pode ficar acomodado em dispor somente da licenciatura (graduação) ou magistério em determinada área – já conquistada -, sem se ater a especialização, com aprofundamento de temas ou de ser pesquisador. Segundo o documento norteador, no que se refere à organização do projeto político pedagógico das unidades de ensino, tal evidência deve prever:

[...] A formação continuada dos gestores e professores para que estes tenham a oportunidade de se manter atualizados quanto ao campo do conhecimento que lhes cabe manejar, trabalhar e quanto à adoção, à opção da metodologia didático-pedagógica mais própria às aprendizagens que devem vivenciar e estimular, incluindo aquelas pertinentes às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). (BRASIL, 2013, p.49)

É evidente que a atualização é necessária, e a falta dela pode ser um dos motivos que justifica o uso dos estereótipos por professores na escola, conforme já citado anteriormente. Mas é claro também, que essa não é a única razão e nem a maior ou “pior” de todas – se é que se pode classificar. É importante ressaltar que condenar os pedagogos ou professores de Artes, não é o objetivo desse artigo. Portanto, contextualiza-se que a metodologia do educador, a título de exemplo, pode ser influenciada por suas experiências, sejam em sala de aula, e/ou em vivências artístico-culturais (visita à museus, apreciação de teatro e dança, e etc.), científicas e acadêmicas (pesquisa, extensão, estágios, oficinas, seminários e etc.), religiosas (coral da igreja, grupo de jovens, e etc.), midiáticas (sites, redes sociais, documentários, filmes, séries, noticiários, e etc.), e entre outros. “A experiência é carregada de verdades, de sentidos, de imaginação” (HONORATO, 2008, p. 114) e de conteúdo, que muitas vezes é pouco valorizado pelo próprio sujeito que experiencia. Dessa forma a experiência estética possui uma grande importância na

---

<sup>10</sup> Plano aprovado pela Lei nº 13.005 de 25 de Junho de 2014, sancionado pela Presidente da República Dilma Rousseff, composto de 20 metas e várias estratégias apontadas como possíveis soluções para os problemas relacionados à educação básica do Brasil, com vigência por dez anos (2014-2024) – conforme referência.

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



desconstrução dos estereótipos no âmbito escolar, já que trabalha na perspectiva de ampliação de repertório cultural, artístico ou histórico e compõe a sensibilidade do olhar, na busca constante de novos conhecimentos.

A estética não é uma peça, um ser e nem um utensílio que exista em forma física, ela é um modo de contemplar, de tocar, de assistir, de apreciar, de olhar, de sentir, e de perceber. “Podemos ter experiências estéticas com relação a qualquer objeto ou acontecimento, independentemente de ser arte ou não, de ser belo ou não, de existir concretamente ou não” (PEREIRA, 2012, p. 187). Ao estabelecer uma atitude estética a determinado objeto, o mesmo terá um caráter reflexivo, desconstrutor, e de viés resignificativo – similar ao que acontece na arte contemporânea.

Para PA4, não tem como trabalhar sem o uso dos estereótipos durante um ano inteiro: *“até porque você tem que estar sempre intervindo né... o aluno está ali desenhando, e você diz: “- ah, de novo isso? Não pode!”*. Para PA8, nem sempre é possível, mas há algumas vivências muito interessantes que não usam estereótipos, sendo necessário mesclar: *“não é sempre, se não o teu conteúdo fica evasivo né”*.

Segundo Almeida (2001), “para melhorar a qualidade do trabalho, é fundamental que os professores reflitam sobre suas concepções e práticas, muitas vezes adotadas pura e simplesmente por modismo ou por acomodação” (p.33). Desta forma, as propostas precisam ter sentido tanto para o educador quanto para o educando, e não podem ser “aplicadas mecanicamente, como se fossem receitas – mera reprodução do que propõem –”, justamente “[...] por que estão fadadas ao fracasso” (Idem, 2001, p.33). O professor de Artes precisa envolver as atividades para com objetivos, conteúdos, o processo, a experiência estética, e a avaliação, em concepções artístico-culturais. Os estereótipos modelam, e constroem uma ditadura criativa, apontando que aquela impressão entregue, por exemplo, é um padrão a ser seguido e contemplado, sendo que aquele desenho pronto é o válido, diminuindo as capacidades e habilidades do educando de modo subjetivo e/ou escancaradamente objetivo. A proposta em Artes, “ela precisa, ainda, ser adequada aos alunos, a fim de que não se transforme num exercício mecânico desprovido de sentido” (Ibidem, 2001, p.33).

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



PP1 já foi Secretária da Educação de um município da AMESC e cita outros aspectos que estão relacionados à desvalorização da disciplina de Artes: *“em primeiro lugar, há muito pouco tempo que nós temos professores formados em Artes no município... antes, a disciplina de Artes era um “tapa buraco”. Quando faltava aula para determinado professor, era encaixado a disciplina de Artes para ele completar sua carga horária. Daí ensinavam pintura, crochê e etc. É tudo muito recente! Por isso que caía sempre no tradicional: fazer trabalhinhos manuais. Sim, há muito investimento. O que falta é alguém capacitado para fazer acontecer. O museu aqui do município sempre foi jogado de um lado para outro, de um espaço que sobrava para outro... em todas as administrações. Nunca foi cuidado das peças... sempre ficavam abandonadas. E também não há uma procura de ir visitar o museu... mas também não se preparou um lugar legal para receber essas pessoas. Eu acredito que no futuro irão começar a valorizar, mas temos que começar desde já. Muitas peças já se perderam, por falta de cuidado... estragaram e tudo mais. Existe uma verba, que se eu não me engano é um por cento da arrecadação, que precisa ser investida em cultura... só que nas prefeituras eles conseguem dar um jeito de driblar e passar esse recurso para um outro fim. Não vejo e não vi em nenhuma administração, ser investido em museus, projetos interessantes e etc. Até mesmo porque não há nem um diretor de cultura no nosso município. É um cargo que fica a disposição para pretensões políticas... fica ali, como uma carta na manga. Geralmente quando assumem, essas pessoas nem tem conhecimento”*.

Para PP5 a Arte é *“muito importante, porque dentro de Artes, você pode estar desinibindo um aluno, você pode fazer com que ele se sinta valorizado... dentro de um teatro... ou nem que seja dentro de um teatro mudo, como eu fiz uma vez. Por isso que eu acho que Artes tem valor, por que você pode trabalhar de diversas formas... você pode valorizar todos os aspectos do ser humano dentro daquela disciplina... não é só ensinar a pintar... é tudo! A dramatização, a imitação. Uma coisa que eu sempre falo em Artes, que não existe o bonito, existe o diferente! Porque para ti pode ser bonito, mas eu posso olhar e não dar valor nenhum. Porque cada um tem um olhar... então quando eles pintavam ou desenhavam, eu nunca dizia que estava bonito... era a produção deles! Se um aluno vai lá e faz um coelho*



*com duas patas, eu dizia que estava diferente, que um coelho não tinha só duas patas”.*

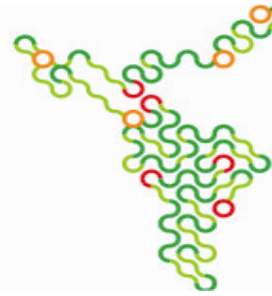
Percebeu-se que os estereótipos ainda são presentes no âmbito escolar por inúmeros motivos, onde com as falas das entrevistadas, a ampliação de repertório artístico-cultural, a valorização da disciplina de Artes, a formação continuada (professor pesquisador), e a experiência estética, são carências que surgiram no decorrer das respostas. Conforme elencado no decorrer dessa pesquisa, os estereótipos surgem de múltiplas formas e fazem parte do cotidiano, sendo que sua desconstrução é um processo lento e de longo prazo. Os mesmos podem ser vistos como uma autodefesa, um facilitador de exigências, falta de conhecimento, busca do correto por meio simples, molde, modelo, cópia e entre outros aspectos.

Dessa forma percebeu-se, ao longo de todas as respostas, que o paradigma da força dos estereótipos no âmbito escolar é presente, onde muitos profissionais já estão trabalhando nessa desconstrução, mas muitos outros ainda insistem em ficar enraizados. Vários aspectos influenciam essas escolhas, e os professores de Artes possuem um grande desafio todo os dias na escola, principalmente em valorizar a sua disciplina e a sua profissão. As condições são adversas, e os educadores precisam adaptar suas aulas para realidades específicas, tentando da melhor forma lecionar e propor vivências significativas. Por fim, PP5, contempla essa vontade: *“Eu acho que vocês deveriam ser mais valorizados! Artes tem muito a contribuir!”.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estereótipos reduzem diretamente e/ou indiretamente as capacidades de criação dos alunos, como forma de o molde/modelo ser o correto, o melhor e o mais bonito, além de agir como um facilitador e como o caminho mais simplório de se chegar à uma ideia errônea de perfeição – conforme elencado anteriormente. Para tal, os contextos de formação continuada dos professores e a experiência estética, presentes nesta pesquisa, apresentou que tanto Pedagogos quanto professores de Artes, possuem grandes responsabilidades para lecionar Arte. Principalmente, na articulação de pesquisa (busca de novos conhecimentos e meios de levá-los à sala Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº1, julho/novembro 2016.– PPGE – UNESC

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



de aula), atualização (contemporaneidade das artes, apreciação estética), teorização (autores, documentos norteadores e escritas poéticas de artistas), prática (experiências significativas com a desconstrução da folha de papel ofício A4, do EVA, do belo, do feio, da releitura enquanto cópia, das lembrancinhas, e etc) e metodologia (auto avaliar-se enquanto educador e entender a arte enquanto produtora de conhecimento).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org). **O ensino das artes: Construindo Caminhos**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2001, p. 11-38.

BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério. **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural; São Leopoldo: Cepos/Unisinos; Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS; São Cristóvão: Obscom/ UFS, 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Câmara, 2010.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. **PNE: Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF, Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>. Acesso em: 07 de Setembro de 2015.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

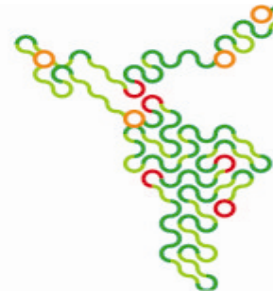
CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Imagens na Educação Infantil como Pedagogias Culturais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org). **Pedagogias culturais**. Santa Maria: UFSM, 2014, p. 199-223.

ESPINDOLA, Polianne Merie. **Estereótipos na comunicação intercultural: o caso do intercâmbio cultural na PUCRS**. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Faculdade de Comunicação Social - FAMECOS, PUC-RS, Porto Alegre, 2010. Cap. 1. Disponível em:

Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº1, julho/novembro 2016.– PPGE – UNESCO

# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



<<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2136/1/000422621-Texto+Completo-0.pdf>>. Acesso em: 24 de Agosto de 2015.

FERRAZ, Maria Heloísa C de T; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e preposições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA, Sueli; SILVA, Silvia Maria Cintra da. “Faz o chão pra ela não ficar voando”: o desenho na sala de aula. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Mara Isabel; NUNES, Maria Fernanda; GUIMARÃES, Daniela (Orgs). **Infância e educação infantil**. 6ª ed. Campinas: Papirus, 1999. P. 139-179.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p. (Educação à Distância). Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 02 Maio de 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (Orgs). **Educação e arte**: As linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papirus, 2008, p. 109-118.

LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo. A ameaça dos estereótipos e a publicidade contraintuitiva. **UCS - Universidade de Caxias do Sul: conexão - comunicação e cultura**, Caxias do Sul, v. 10, n. 20, p.113-134, dez. 2011. Mensal. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/911/971>>. Acesso em: 11 de Maio de 2015.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (Org.). **Educação e arte**: As linguagens artísticas na formação humana. 1ª ed. Campinas: Papirus, 2008, p. 27-36.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia Social dos Estereótipos**. 1 ed. São Paulo: E.P.O., 2002.

PEREIRA, Marcos Villela. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-posições**, Campinas, v. 23, n. 1, p.183-195, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n1/12.pdf>>. Acesso em: 14 de Setembro de 2015.

PEREIRA, Rita de Cássia Soares de Oliveira Sannazzaro. **Experiências poéticas em sala de aula**: as potencialidades do educador e do educando no ensino de Arte. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2014.



# Anais do Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Perspectivas Contemporânea



QUEIROZ, Cecília; MOITA, Filomena. **As tendências pedagógicas e seus pressupostos**. 22ª ed. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

SILVIA, Maria; TATIT, Ana. **300 propostas de artes visuais**. 1 ed. São Paulo: Loyola, 2003.